



A história de Joffre Mozart Parada, o engenheiro que demarcou a área onde a capital seria construída e de sua paixão por Brasília e por dona Mercedes

CONCEIÇÃO FREITAS
DA EQUIPE DO CORREIO

Fosse feita a lista dos dez nomes mais importantes da construção de Brasília, o engenheiro Joffre Mozart Parada estaria com certeza entre eles. Foi ele o responsável pela desapropriação das fazendas e pela demarcação da área onde a cidade foi construída. Pelo levantamento topográfico que definiu a exata localização do Plano Piloto. Pela definição das coordenadas da Praça dos Três Poderes, do Aeroporto, das tesourinhas, do cruzamento do Eixo Monumental com o Eixão. Joffre Parada foi um dos primeiros a se mudar com a família para o canteiro de obras da Novacap. Ele e o engenheiro Bernardo Sayão. Morreu em 1976, aos 52 anos, de infarto. Por seu temperamento reservado, contou pouco do tudo o que fez.

Trinta anos depois da morte do marido, dona Mercedes Ribas Parada, 82 anos, conta como foram os dias que ela considera os mais plenos de sua vida. "Joffre estava muito feliz e transmitia essa felicidade. Era tudo tão bonito, tão bom". Quando diz isso, os olhos dessa goiana de Ipameri faíscam de emoção. Mãe de quatro, avó de onze e bisavó de doze, dona Mercedes temia que a isquemia da qual ainda se recupera a impedisse de lembrar com exatidão os acontecimentos históricos do quais participou. Receio em vão. (Mesmo assim, não se deixou fotografar).

Ainda era 1955, Juscelino nem tinha sido eleito presidente da República, quando o engenheiro nascido em Vianópolis (GO) soube da promessa do candidato de que iria transferir a capital para o Planalto Central. Num fim de semana, chamou dona Mercedes, e numa camionete Ford azul, pegou o rumo de Luziânia. Veio conhecer, por desejo próprio, a região já demarcada para acolher a nova capital. Gastaram quase 24 horas para trilhar caminhos só percorridos pela pouca gente que por aqui morava e pelos caixeiros-viajantes, tropeiros e pelo caminhão do serviço postal.

Fazenda por fazenda

Juscelino eleito, Joffre passou a fazer parte da Comissão Goiana de Cooperação para a Mudança da Capital Federal. Esquadrinhou todas as fotografias aéreas feitas pela Geofoto para o Relatório Belcher (o que definiu cinco sítios nos quais a capital poderia ser construída). Dona Mercedes acompanhou o marido nas vindas à região. Ficavam no Hotel Dom Bosco, em Luziânia, e dali partiam para as fazendas. Visitaram todas, fixaram os limites de cada uma, conheceram proprietários, conferiram escrituras, para a partir daí começar o processo de desapropriação — o que foi feito pelo governo de Goiás.

Dona Mercedes ajudava o marido a localizar as fazendas nos mapas aerofotogramétricos. Fazia isso à noite quando Joffre Parada chegava das tarefas de rua. "A gente pegava um pontinho no mapa, ampliava aquilo, media a área

Mário Fontenelle/Arquivo Público do DF

Entre dois amores



Dorival/CP - 4/6/75



Arquivo Pessoal

▲
JOFFRE MOZART PARADA, O ENGENHEIRO QUE TIROU BRASÍLIA DO MAPA E DO PAPEL E PÓS AS ESTACAS DEMARCADORAS

◀
MERCEDES, COM AS FILHAS GLÁUCIA E TELMA, EM 1957, NA CASA AO LADO DO GALPÃO DA NOVACAP

com um planímetro e classificava com cores diferentes o que era campo, várzea, cerrado, mata. Ficávamos até três, quatro da manhã trabalhando". Quando amanhecia, a porta da casa do engenheiro estava cheia de fazendeiros à espera do documento que daria início ao processo de desapropriação.

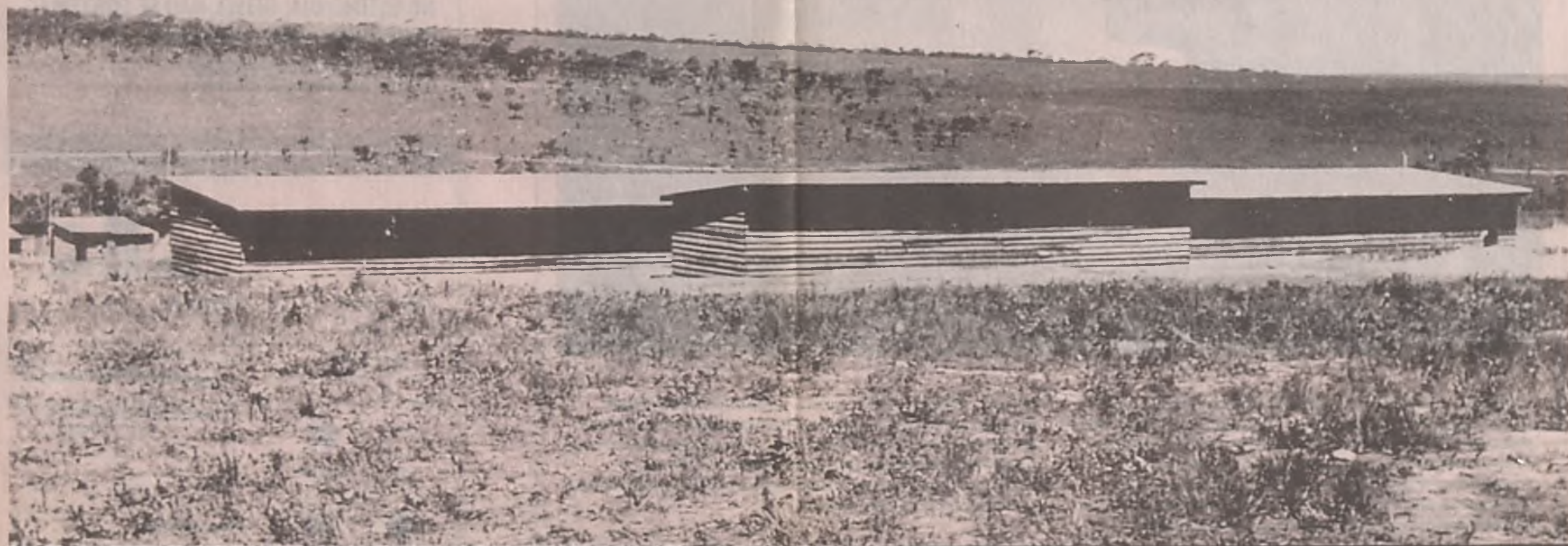
Já era abril de 1957 quando o engenheiro trouxe a mulher e as duas filhas mais velhas, Gláucia e Telma, para uma casa de dois quartos ao lado do galpão na Novacap, na hoje Candangolândia. "A casa não tinha nem porta nem janela quando a gente se mudou", conta dona Mercedes. Moravam ao lado da família de Bernardo Sayão e da de Francisco Luiz de Bessa Leite. "Da janela eu via os caminhões (paus-de-arara) chegando e deles descendo os novos candangos. Subia uma nuvem de poeira de tanta gente que descia ao mesmo tempo", lembra-se dona Mercedes. "De manhã, abria a porta e via um homem pendurado num poste, outro fazendo um buraco para o esgoto, mais um adiante. Eles faziam seus barracos de sacos de cimento, de sacos de estopa. Barracos inteiros, do chão ao teto, de saco de cimento vazio".

"As dez mais"

Pouco tempo depois, mudaram-se para uma casa maior, de cômodos grandes, seis quartos e varandão. Era a Rua do Sossego, nome dado por Bernardo Sayão, talvez para estabelecer os limites entre o enxame de operários que rapidamente enchiam acampamentos e Cidade Livre da área nobre onde moravam os mais graduados funcionários da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, a Novacap. Eram vizinhos de Sayão, Israel Pincheiro, Moacyr Gomes e Souza e Vasco Viana de Andrade e, mais adiante, a casa de Athaulpa Schmitz da Silva Prego. Os candangos chamavam aquele espaço de gente tão importante de "as dez mais", mas, na verdade, eram seis as casas.

O homem que demarcou a área da Cidade Livre, que definiu as curvas de nível (o alinhamento das obras em relação ao relevo), que encontrou as coordenadas da nova capital do Brasil guardava uma história de amor e persistência. Ele e Mercedes eram primos de primeiro grau. Filhos de duas irmãs. Moraram na mesma casa durante parte da infância e na adolescência. "Ele era como um irmão chato que ficava me vigiando o tempo inteiro. A gente brigava muito, mas minha mãe confiava muito nele e só me deixava sair com o namorado se Joffre fosse junto".

O menino ranheta já amava a prima, mas nada a ela dizia. Mercedes se casou, ficou viúva e só depois de um ano foi que Joffre declarou-se no seu modo tímido: contou a ela que uma velha amiga havia lhe perguntado se finalmente ele iria casar-se com a mulher que amava desde criança. "Você é bicho burro mesmo", completou o enamorado, para uma Mercedes perplexa. Foi preciso algum tempo para ela aceitar a idéia de que o primo com quem tanto implicava na infância era um homem e sempre esteve apaixonado por ela.



O GALPÃO DA NOVACAP, NA CANDANGOLÂNDIA, E AO FUNDO UMA DAS CASAS ONDE MORARAM AS FAMÍLIAS DE JOFFRE PARADA E DE BERNARDO SAYÃO, NO COMEÇO DE 1957